

RELATO DE INTERVENÇÃO COM UMA CRIANÇA COM SÍNDROME DE DOWN

Larissa Pires Ruiz
Tamiris Poletini Gallano

Introdução

A Síndrome de Down

A Síndrome de Down é uma condição genética, reconhecida, pela primeira vez, há mais de um século pelo médico John Langdon Down. Ela constitui uma das causas mais frequentes de deficiência intelectual, compreendendo cerca de 18% do total de deficientes intelectuais em instituições especializadas (Moreira, El-Hani & Gusmão, 2000).

Segundo Bissoto (2005), um levantamento de pesquisas recentes sobre a Síndrome de Down indica que ainda hoje muitos dos conhecimentos a respeito da Síndrome estão ultrapassados e estereotipados, o que não favorece as práticas de intervenção educacionais e de desenvolvimento, principalmente favorecendo a criação de preconceitos.

Bissoto (2005) relata que 96% dos casos são por trissomia do cromossomo 21 em todas as células do corpo, resultante de uma não-disjunção das cromátides irmãs durante o processo de divisão celular; 1% dos casos por mosaïcismo, onde nem todas as células do corpo apresentam um cromossomo 21 a mais; 3,5% dos casos por translocação gênica, em que parte do cromossomo 21 está ligado a um outro cromossomo. Essa informação é muito importante, pois o nível de comprometimento varia de acordo com a quantidade de células afetadas pela trissomia, por exemplo, no mosaïcismo o desbalanço gênico é menor que na trissomia por não disjunção.

Bissoto (2005) aponta características nos primeiros 5 anos de vida do portador da síndrome: atraso no desenvolvimento da linguagem, menor reconhecimento de regras gramaticais, vocabulário reduzido, dificuldade em se expressar (podem ser subestimadas). Dificuldade em usar os recursos linguísticos para raciocinar, pensar, lembrar informações. Memória auditiva a curto prazo (dificuldade em acompanhar instruções faladas), isso pode ser minimizado com o acompanhamento de gestos e

figuras. Memória visual mais desenvolvida do que a memória auditiva. Esses fatores são de extrema importância ao se estruturar uma intervenção, não só para identificar os comportamentos alvos que serão trabalhados, bem como a forma de como se trabalhar; um exemplo prático é a questão da memória auditiva de curto prazo, a ideia seria trabalhar com instruções simples, de preferência estruturadas em uma cadeia comportamental.

A partir dessas características da criança com Síndrome de Down, apontadas anteriormente, muitos estudos têm proposto métodos de intervenção, como: recursos visuais em treinos de comunicação (Foreman & Crews, 1998, citado por Bissoto, 2005); sistemas de comunicação aumentativos/alternativos que podem facilitar a aprendizagem (Buckley & Bird, 1994, citado por Bissoto, 2005); apoiar em sinais e símbolos gráficos a fala e as instruções/informações dadas. Quanto ao aprendizado matemático, Buckley e Bird (1994, citado por Bissoto, 2005) consideram relevantes a utilização de ensino interdisciplinar de vocabulário matemático (ex: medidas) e uso de suportes para manter presente e recuperar informações (ex: ábaco).

Bissotto (2005) dá extrema importância em se adotar um sistema de aprendizagem atento às necessidades peculiares de cada indivíduo (fruto de condições genéticas e sócio históricas), levando em consideração as limitações/dificuldades cognitivas que a Síndrome de Down acarreta, que devem ser investigadas e trabalhadas; é neste momento que as pesquisas podem indicar diretrizes facilitadoras, variabilidade de métodos e instrumentos.

A Família

Segundo Cervený (2002), o sistema familiar pode ser considerado pelos indivíduos como o mais importante de suas vidas, uma vez que tem longa duração e apresenta um profundo nível de inter-relação.

O nascimento de um filho cria expectativa e ilusões acerca do futuro da criança, de como serão suas relações interpessoais, profissionais e afetivas, envolvendo suas possíveis conquistas ao longo de seu desenvolvimento. Por sua vez, o diagnóstico de um filho portador de necessidades especiais frustra certas expectativas da família, gerando

dúvidas sobre o cuidado que deverão ter em relação a esse novo indivíduo. Desde o nascimento, as famílias dessas crianças têm de tomar várias decisões a respeito do tratamento médico, da escolha de profissionais, das opções educativas, o que gera medo e angústia.

Segundo Willians e Aiello (2001), tem-se observado que a importância do envolvimento da família em intervenções tem tido cada vez mais destaque. Observa-se que o modelo de relação entre profissional e família é, na maioria das vezes, o representado pela espera da família na sala de espera ou pela assistência que a família presta ao profissional, sem muito envolvimento. Em uma nova visão, a família muda de posição e passa a assumir uma maior participação tanto no planejamento quanto no atendimento oferecido para os seus filhos.

Objetivos

A intervenção descrita neste trabalho foi dividida em três fases: aplicação de uma entrevista inicial com a família, avaliação do desenvolvimento da criança com necessidades educativas especiais segundo o Inventário Portage Operacionalizado (Willians & Aiello, 2001) e ensino de procedimentos para a mãe da criança a fim de que ela possa treinar as habilidades que seu filho deve adquirir.

Objetivou-se investigar se os treinos foram efetivos para o desenvolvimento de habilidades pela criança com necessidades educativas especiais, no caso, uma criança com Síndrome de Down.

Método

Participante

A família, acompanhada durante o período de seis meses (de junho de 2011 a novembro de 2011), é composta por três membros: a mãe A, o pai M, e o filho E.

A mãe A. tem 39 anos e é professora universitária. M. tem 40 anos e é músico. O filho deles, E. tem 4 anos e tem Síndrome de Down, que foi diagnosticada logo que ele nasceu.

E. frequenta escola e classe regulares. Durante a tarde costumava ficar na casa dos avós, pois os pais trabalham o dia todo.

Local

Os encontros foram realizados na casa dos avós maternos de E. A casa possuía uma garagem, duas salas, dois banheiros, dois quartos, uma cozinha e um quintal coberto. Os cômodos são grandes e a casa sempre estava limpa e organizada, exceto pelos brinquedos de E. espalhados pelo chão nas visitas iniciais. Moram no local os avós maternos de E., o qual passa as tardes nessa casa.

Material

Fase 1

Foi utilizado um roteiro de entrevista através do qual foi possível que se identificassem o nível social da família, algumas atitudes e comportamento da família, além das preferências de E. em relação a comidas e atividades, por exemplo.

Fase 2

Foi utilizado o Inventário Portage para avaliar o desenvolvimento motor, de linguagem, cognitivo, social, de autocuidado e de linguagem da criança; além dos materiais necessários para a realização das tarefas propostas no Inventário.

Fase 3

Foram utilizados brinquedos coloridos, peças de montar coloridas, mini confetes coloridos, brinquedo de argolas para encaixar, bexigas coloridas, um sinalizador de porta: uma placa com um lado verde e um vermelho para ser pendurado na porta. Foram utilizadas também folhas de registro.

Procedimento

Fase 1

A primeira fase da intervenção constou de uma entrevista inicial. As estagiárias faziam perguntas para os pais que respondiam se quisessem. A realização dessa entrevista foi feita em dois dias.

Fase 2

Realizou-se também a avaliação do desenvolvimento de E. de acordo com o Inventário Portage Operacionalizado. Nessa avaliação, foram feitas algumas perguntas para os pais e apresentadas algumas tarefas que deveriam ser desempenhada por E.

Na última sessão, avaliou-se a área de cognição de acordo com o inventário Portage Operacionalizado.

Fase 3

O início dessa fase se deu com uma pequena entrevista, pois as estagiárias haviam entrado de férias e passaram oito semanas sem visitar a família, uma vez que o retorno das aulas fora adiado por problemas técnicos na faculdade.

Após a entrevista, a mãe, com o auxílio das estagiárias determinou suas prioridades de ensino. Focou-se em itens do desenvolvimento cognitivo, pois foi a área em que E. mais apresentou dificuldade segundo a avaliação do Inventário Portage Operacionalizado. Para esse levantamento de prioridades, as estagiárias elencaram, com base na avaliação e nas conversas com a mãe, 24 itens e pediu-se para a mãe numerar, de um a sete, suas prioridades de treino, sendo que o número um corresponderia ao item mais prioritário, o número dois corresponderia ao segundo mais prioritário, e assim por diante. Começou-se o treino baseado nas prioridades da mãe.

Treinos

Treino 1: Banheiro: como a mãe havia relatado que E. voltou a urinar na calça, orientou-se a mãe que, quando E o fizesse, ela deveria levá-lo ao banheiro sem

conversar muito, pedir para ele tirar a roupa suja, colocá-lo no vaso; depois, ele deveria colocar uma roupa e levar a roupa suja para o tanque (custo de resposta).

Treino 2: Obediência: Para iniciar esse treino pediu-se que a mãe definisse o que ela chamava de teimosia, quais os comportamentos que E. apresentava que ela diria que poderiam ser rotulados como teimosos. Pediu-se também que a mãe tentasse se lembrar de uma situação em que “E. havia sido teimoso” e tentasse descrever o que acontecia antes e depois desses comportamentos. Por fim, pediu-se que a mãe anotasse durante a semana alguns comportamentos que E. emitisse e que poderiam ser rotulados como teimosos, o que havia acontecido antes e o que aconteceu depois desse comportamento.

Para evitar que E. ficasse entrando onde estava o avô, que estava fazendo tratamento contra câncer e por isso às vezes estava se sentindo mal, foi feito um sinalizador de porta (uma placa que era encaixada na maçaneta e que tinha um lado vermelho e outro verde). Instrui-se a mãe para que ela colocasse o sinalizador com o lado vermelho para frente quando E. não pudesse entrar e que colocasse verde quando ele pudesse. Orientou-se a mãe a utilizá-lo em outros lugares além do quarto do avô.

Imaginou-se que, ao fazer com que uma regra fosse consistentemente obedecida, o comportamento de seguir regras pudesse ser reforçado e fortalecido, podendo haver generalização.

Em geral, orientou-se a mãe a fazer com que E. obedecesse suas ordens, mesmo que para isso fosse necessária ajuda física. Explicou-se para a mãe que E. poderia não estar dando importâncias às regras e ordens porque ele não tinha que fazer o que era pedido. As estagiárias também deram algumas dicas para a mãe, como distraí-lo em atividades adequadas para que ele não emitisse comportamentos inadequados.

Treino 3: Seleção de cores: O primeiro treino proposto foi a apresentação das quatro cores ao mesmo tempo seguido por um pedido para E. selecionar uma das cores (“E, pegue a cor ...”). Entretanto, ao conversar com a orientadora, as estagiárias perceberam que não era um treino adequado, pois poderia confundir e piorar o desempenho de E.

Iniciou-se, então, outro treino, apresentando-se quatro cores – vermelho, amarelo, azul e verde – para E e pedindo para ele pegar a cor cujo nome fosse ditado por uma das estagiárias. O objetivo dessa primeira parte foi avaliar o desempenho de E.

Orientou-se a mãe a utilizar brinquedos coloridos (verde, amarelo, vermelho e azul) e a apresentar duas cores de cada vez, pedindo para E. pegar uma. Uma dessas cores apresentadas sempre seria o verde, pois quando se avaliou o desempenho de E., percebeu-se que era uma cor que ele sabia selecionar e, assim, utilizou-se procedimento de ensino por exclusão.

Pediou-se também para mãe apresentar as tentativas em sequências diferentes e também apresentar os estímulos em ordem diferente.

Na sessão do dia 5 de setembro foram utilizadas peças coloridas e no dia 26 de outubro foram utilizadas bexigas coloridas

Treino 4: Nomeação de cores: Orientou-se a mãe a apresentar uma cor de cada vez e perguntar: “que cor é essa?” e apresentar a resposta imediatamente após, para E. repetir e, aos poucos, diminuir o “volume” da voz até não fornecer a resposta, corrigindo se E. apresentar uma resposta errada.

Na sessão do dia 5 de outubro foram utilizadas peças coloridas. Na do dia 26 de outubro foram utilizadas bexigas coloridas. Na sessão dos dias 9 e 16 de novembro foram utilizados mini docinhos coloridos (docinhos).

Treino 5: Contagem: Avaliou-se até que número E. sabia contar em sequência. Depois, orientou-se a mãe a contar com ele até o número que ele estava contando corretamente e, quando tivesse 3 acertos em 3 tentativas, orientou-se a mãe a aumentar um número.

Depois de algumas sessões, outra proposta de atividade para contagem foi proposta à mãe:

Números com docinhos: contagem (1, 2, 3, 4...) orientou-se a mãe para que colocasse na mesa quatro docinhos, e que contasse apontando para cada docinho, aos

poucos diminuir o “volume” da voz até que E. contasse sozinho os docinhos na mesa; quantidade (quantos docinhos azuis tem aqui? vamos contar?) orientou-se a mãe para que separasse montinhos de doces, por exemplo um azul, dois amarelos, 3 verdes e 4 vermelhos, em seguida perguntar quantos docinhos de determinada cor tinha na mesa, se necessário, que contasse junto com E.; soma (se a gente juntar os azuis com os vermelhos quantos vamos ter? Vamos contar?) orientou-se a mãe para que fizesse dois montinhos na mesa, cada montinho com uma cor diferente, de modo que a soma dos dois montinhos não desse mais do que quatro, em seguida dizer: se nós juntarmos os docinhos amarelos com os docinhos azuis, quantos nós vamos ter pra comer? Vamos contar?; subtração (se eu comer um azul, quantos vão sobrar? Vamos contar?) orientou-se a mãe que fizesse um montinho com alguns doces, contar com a criança quantos doces tem e perguntar, se o E. comer um docinho (a criança come o doce), quantos vão sobrar? Vamos contar?.

Treino 6: Colocar as argolas em sequência: utilizando um brinquedo de argolas de tamanhos diferentes, a criança deveria ser capaz de colocar as argolas coloridas na haste em sequência correta, ou seja, do maior para o menor, sem que a sequência fosse respeitada, não era possível completa a pilha de argolas. Orientou-se a mãe para que desse ajuda quando necessário dizendo: qual é a argola grande? Qual a maior argola de todas?

Resultados

Fase 1

De acordo com a entrevista inicial pode-se perceber que a família tem boas condições financeiras, renda média/alta, que a gravidez foi planejada e bem acompanhada. A notícia da Síndrome de Down após o nascimento foi bem recebida, com muitas informações e apoio de médicos, família e amigos. Mesmo com as limitações da síndrome, a família permanece unida, oferecendo apoio, mantendo atividades de lazer e momentos partilhados juntos (passeios, festas, eventos).

Fase 2

Na segunda fase da intervenção avaliou-se o repertório de E. de acordo com o Inventário Portage Operacionalizado (Willians & Aiello, 2001), que avalia cinco áreas do desenvolvimento: desenvolvimento motor, socialização, autos-cuidados, desenvolvimento cognitivo e linguagem. A Figura 1 apresenta o desempenho geral de E., em todas as áreas avaliadas pelo Inventário Portage operacionalizado, em função da reta de regressão, que demonstra o desempenho esperado para uma criança típica ao longo dos meses. Percebe-se que o desempenho de E. estava abaixo do esperado para sua faixa etária.

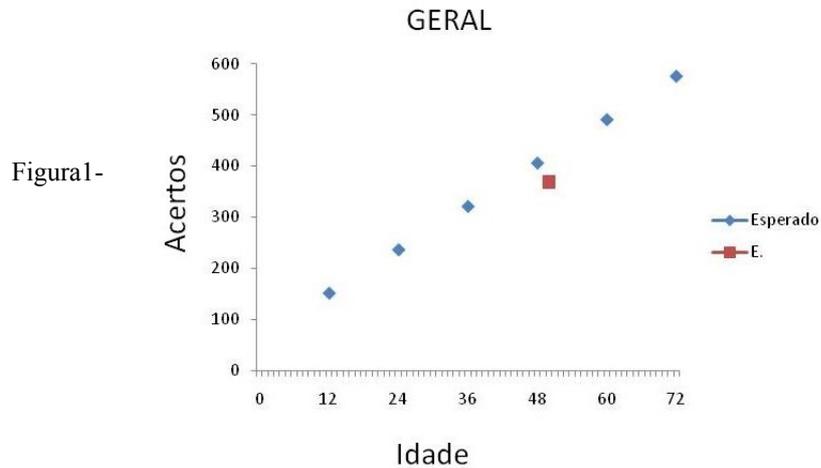
Em relação à avaliação da área de cognição, E. executou corretamente 54,18% dos itens esperados para a faixa etária de 50 meses, sendo que foi nessa área que observou-se pior desempenho do participante e, por isso, os treinos foram focados em atividades de estimulação cognitiva.

Após os treinos foi realizada uma nova avaliação da área cognitiva e E. executou corretamente 60, 21% dos comportamentos esperados para 55 meses. A Figura 2 apresenta o desempenho de R no pré (círculo) e no pós-teste (quadrado).

Fase 3

Prioridades

Os pais de E. ordenaram os comportamentos que gostariam que o filho emitisse em uma ordem de prioridades: contar de 1 a 10, nomear cores primárias, obedecer à ordens de adultos 75% das vezes, descrever dois eventos ou personagens de uma história, respeitar quando outras pessoas falam “não” 75% das vezes, empilhar cinco ou mais argolas em uma vara na ordem correta, emparelhar três cores, encontrar determinado livro quando requisitado e copiar um círculo. Com base nas prioridades definidas pelos pais, foram elaborados treinos.



Desempenho geral de E. segundo o Inventário Portage Operacionalizado, em função da reta de regressão para todas as áreas do desenvolvimento.

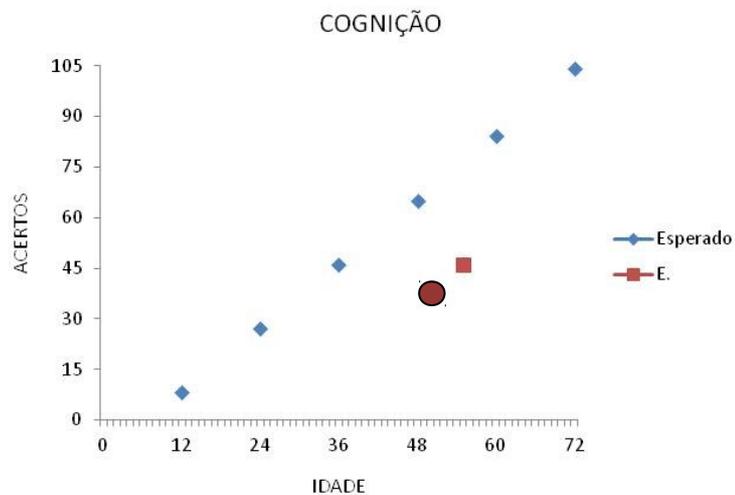


Figura 2- desempenho de E. no pré e pós teste. O pós teste está representado com um quadrado

Treinos

Treino 1: Banheiro. A mãe disse que se esqueceu de não dar atenção quando ele urinasse na calça e também que só pediu uma vez para E. levar a calça e a cueca no tanque. Na quarta sessão após o início do treino a mãe relatou que E. não estava mais urinando na calça, mas que não sabia como isso havia acontecido.

Treino 2: Obediência

Sinalizador de porta: A Tabela 1 refere-se à quantidade de vezes que E. tentou abrir as portas fechadas para bloquear sua passagem, em algumas sessões. Em uma das sessões, E. rasgou acidentalmente o sinalizador, mas não tentou mais abrir as portas que estavam fechadas. A mãe relatou que E. estava obedecendo mais o que ela dizia, porém não se tem registros numéricos desses comportamentos.

Tabela 1- Número de vezes que E. tentou abrir uma porta fechada, desobedecendo a ordem da mãe, em algumas sessões .

Sessão	Número de vezes
14/09	7
5/10	3
30/10	1
9/11	1
16/11	0

Observando-se a Tabela 1 percebe-se na sessão em que o sinalizador de porta foi usado pela primeira vez, E. tentou abrir sete vezes a porta quando o sinalizador indicava que ele não poderia entrar. Na segunda sessão, esse número caiu para três, e na última sessão com o sinalizador E. não tentou abrir a porta quando este indicava que a entrada era proibida.

Treino 3: Seleção de cores.

Não foi registrado o desempenho de E. no primeiro treino proposto. A Figura 3 apresenta o desempenho de E. nas tarefas de seleção de cores em duas sessões, antes e depois do treino realizado pela mãe.

Ao observar a Figura 3, percebe-se que E. acertou 25% das tentativas na primeira sessão de seleção de cores e, três semanas depois, acertou 87,5% das tentativas.

Treino 4: Nomeação de cores

A Tabela 2 apresenta o desempenho de E. nas tarefas de nomeação de cores. Ao observar-se a Tabela 2, percebe-se que E. nomeou corretamente a cor verde em 100% das vezes em todas as sessões. Em relação à cor azul, E. nomeou corretamente em 50%

das vezes na primeira sessão, não nomeou corretamente na segunda e na terceira e nomeou corretamente em 66,6% das tentativas, na última sessão. Em relação à cor amarelo, E. nomeou-a corretamente em 50% das tentativas da primeira sessão, em nenhuma na segunda, em 100% na terceira e em 66,6% na quinta. Em relação ao vermelho, E. não a nomeou corretamente na primeira sessão; nomeou corretamente em 50% das tentativas na segunda sessão e em 100% das tentativas na terceira e na quinta sessão.

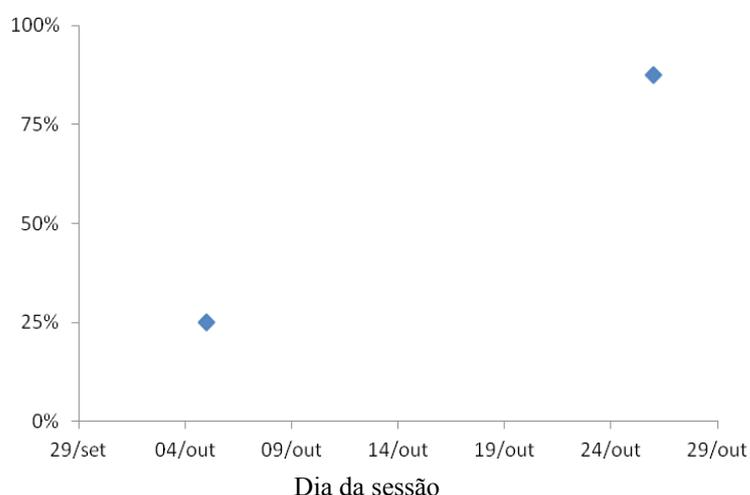


Figura 3- Desempenho de E. nas tarefas de seleção de cores em duas sessões.

Tabela 2 - Desempenho de E. na tarefa de nomeação de cores.

Tentativas	Sessão			
	5/10	26/10	30/10	16/11
Verde	100%	100%	100%	100%
Azul	50%	0	0	66,6%
Amarelo	50%	0	100%	66,6%
Vermelho	0	50%	100%	100%

Treino de números com docinhos:

A Tabela 3 se referente ao treino de números com docinhos, contagem. E. teve um desempenho muito satisfatório nas tarefas de contagem, ao observar a Tabela 3, percebemos um total de 70% de acertos. Observa-se um total de 100% de acerto em

tentativas de contar até 3, 71% de acertos em tentativas de contar até 4, e 50% de acertos em tentativas de contar até 5.

Tabela 3 - Desempenho de E. na tarefa de contagem.

Tentativa	Contou até o número:	Teve necessidade de ajuda
1	3	Não
2	4	Sim
3	4	Não
4	4	Não
5	4	Não
6	4	Não
7	4	Sim
8	4	Não
9	5	Sim
10	5	Não

A Tabela 4 é referente ao treino de números com docinhos, quantidade. O símbolo (♦) indica que E. contou corretamente a quantidade de doces.

Nas tarefas de quantidade, para 1 docinho E. teve um desempenho de 80% de acertos, para 2 docinhos 70% de acertos, para 3 docinhos 60%, para 4 docinhos 50% de acertos, e para 5 docinhos 100% (considerando que houveram apenas três tentativas).

Levando em consideração cada tentativa, observa-se 0% de acertos na primeira tentativa, 90% de acertos na segunda tentativa, 0% de acertos na terceira tentativa, 90% de acertos na quarta tentativa, 100% de acertos na quinta e na sexta tentativa, 50% de acertos na sétima tentativa, 100% de acertos na oitava, nona e décima tentativa, considerando que nestas últimas três foram apresentados até 5 doces.

A Tabela 5 é referente ao treino de adição com docinhos.

Nas tarefas de soma, para somas com resultado igual a 2 E. acertou 90% das tentativas, nas somas com resultado igual a 3, acertou 100% das tentativas, nas somas com resultado igual a 4 acertou 40% das tentativas, e para somas com resultado igual a 5 acertou 100%, considerando que esta foi testada apenas em uma tentativa.

Observa-se que E. obteve 66,7% acerto na primeira, segunda, terceira e quarta tentativa e 100% de acertos na quinta tentativa.

A Tabela 6 é referente ao treino de subtração com docinhos. Observa-se um total de 50% de acertos na primeira tentativa, 25% de acertos na segunda tentativa e 100% de acertos na terceira, quarta e quinta tentativa.

Argolas: O desempenho de E. na tarefa de colocar argolas em sequências está apresentado na Tabela 7. Até a última sessão, E. estava errando a posição das duas últimas argolas.

Tabela 4 - Desempenho de E. na tarefa de quantidade

Tentativa	1 doce	2 doces	3 doces	4 doces	5 doces
1					Não foi testado
2	♦	♦	♦		Não foi testado
3					Não foi testado
4	♦				Não foi testado
5	♦	♦	♦	♦	Não foi testado
6	♦	♦	♦	♦	Não foi testado
7	♦	♦			Não foi testado
8	♦	♦	♦	♦	♦
9	♦	♦	♦	♦	♦
10	♦	♦	♦	♦	♦

Tabela 5 - Desempenho de E. na tarefa de soma.

Tentativa	Resultados da soma			
	2	3	4	5
1	♦	♦		Não foi testado
2	♦	♦		Não foi testado
3	♦	♦		Não foi testado
4		♦	♦	Não foi testado
5	♦	♦	♦	♦

Tabela 6 - Desempenho de E. na tarefa de subtração.

Tentativa	Número de doces restante			
	1	2	3	4
1	♦	♦		
2			♦	
3	♦	♦	♦	♦
4	♦	♦	♦	♦
5	♦	♦	♦	♦

Tabela 7- Desempenho de E. na atividade das argolas

Sessão	Erros de posição das argolas
26/10	3
30/10	3
9/11	2
16/11	2

Discussão

A Síndrome de Down é uma condição genética que constitui uma das causas mais frequentes de deficiência intelectual (Moreira, El-Hani & Gusmão, 2000).

Willians e Aiello (2001) apontaram que o envolvimento da família em intervenções pode ser benéfico para o desenvolvimento infantil. Tentou-se promover uma capacitação da mãe da criança ao se apresentar novas formas de ensino e ao ajudá-la a perceber que o momento de ensino e aprendizagem pode ser prazeroso para todos.

Em relação às atividades com números (tarefas de contagem, adição, subtração e quantidade), notou-se um aumento da porcentagem de acerto, quando comparadas a primeira sessão com a última. Nas primeiras sessões, E. apresentou grande resistência nas tarefas que relacionavam números, o que vai ao encontro de uma das características dessa população apresentada por Bissoto (2005), que se refere à fuga de aprendizagem de novas habilidades, que pode ocorrer quando a tarefa está muito difícil. O uso de doces nas tarefas pareceu ter amenizado essa resistência, pois se observou uma generalização do comportamento de contar, uma vez que se observou o participante contando em outras situações, como, por exemplo, jogos.

Os resultados do treino com números não foram observados apenas nas tarefas, como também foram relatados pela mãe, ao dizer que E. agora também se engaja em outras atividades relacionadas a números como dizer às horas em um relógio, contar brinquedos como pecinhas de um quebra cabeça, dizer quantos brinquedos tem no chão, entre outras relatadas e estimuladas pela mãe.

Em relação ao treino do banheiro, apesar da mãe não ter seguido as sugestões das estagiárias, o comportamento de urinar na calça diminuiu muito de frequência em pouco tempo, o que pode ser consequência da única vez que a mãe pediu para E. levar a calça e a cueca no tanque, gerando um custo de resposta. Outro fator que pode ter contribuído é a possibilidade da avó ter seguido as sugestões das estagiárias, já que ela se mostrou muito ativa na criação de E. e relatou, várias vezes, ter seguido as outras orientações das estagiárias.

Em relação à obediência, a mãe e a avó relataram que E. estava emitindo comportamentos que elas identificavam como indicativos de obediência, como guardar brinquedos quando solicitado.

Em relação à atividade das argolas, observou-se que, apesar de não apresentar 100% de acerto, E. demonstrou aprender a diferença entre maior e menor e apresentou dificuldades na posição das duas últimas argolas, provavelmente, pela diferença de tamanho entre elas ser bastante sutil.

Conclusão

Ao se reavaliar as atividades do inventário Portage operacionalizado, percebeu-se que E. teve um ganho com a intervenção, pois, na primeira vez em que as atividades foram propostas, E. demonstrou ser capaz de executar corretamente 54% dos comportamentos esperados para a faixa etária de 50 meses. Já no pós teste, E. executou corretamente 60, 21% dos comportamentos esperados para 55 meses. Se o avanço dependesse apenas de outros fatores e não da intervenção, os 54% observados na primeira avaliação se manteriam. Assim, conclui-se que a intervenção promoveu um aumento no repertório comportamental da criança.

Referências

Bissoto, M. L. (2005). O desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de Síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. *Ciências & Cognição*, 4, 80-88

Cervenly, C.M.O., & Berthoud, C.M.E. (2002). *Visitando a família ao longo do ciclo vital*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Moreira, L. M. A, El-Hani C. N., & Gusmão F. A. F. (2000). A Síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22, 96-99.

Pinheiro, M.H.C., & Biasoli-Alves, Z.M.M. (2008). A família como base. In L. Weber (Org), *Família e desenvolvimento: Visões interdisciplinares*. Curitiba: Juruá.

Williams L.C.A., & Aiello A.L.R. (2001) *O inventário Portage operacionalizado: Intervenção com famílias*. São Paulo: Memnon/FAPESP.

Weber, L., Salvador, A.P., & Brandenburg, O. (2011). *Programa de qualidade na interação familiar*. (2a ed). Editora: Juruá